

12 ANOS DEPOIS...

José de Moura Calheiros

Quando da edição deste boletim da ASMIR, completam-se doze anos que parti mais uma vez para a Guiné, desta vez numa Missão que é um marco importante na minha vida, e que designei mesmo, num livro que sobre ela escrevi, como tendo sido A minha ÚLTIMA MISSÃO.

Foi no dia 7 de Março de 2008 que, no âmbito de um programa da Liga dos Combatentes, embarquei no aeroporto da Portela de Sacavém com destino a Bissau, pensando que, ao terminar a guerra do Ultramar, havia prometido a mim mesmo nunca mais regressar a África... Era o quebrar de uma solene promessa, pois cerca de quatro horas depois estava a pisar novamente a terra vermelha da Guiné, em Bissau... Tinham entretanto passado 35 anos, desde que terminara uma dura comissão de serviço naquele território, então considerado português, prestando serviço como 2º Comandante e Oficial de operações no Batalhão de Caçadores Paraquedistas 12 (BCP 12), em Bissalanca.

Nesta viagem eu era acompanhado por mais dois antigos oficiais do BCP 12, na ocasião jovens subalternos, comandantes de Pelotão, e hoje oficiais generais — o Maj Gen Norberto Bernardes e o Maj Gen Hugo Borges; e aguardava-nos em Bissau, por aí residir, um outro antigo comandante de Pelotão do BCP 12, o hoje Cor Paraq Chauky Danif.

Nós os quatro constituíamos a Equipa de Missão que, juntamente com uma Equipa Técnica constituída por uma arqueóloga, 3 antropólogas, um técnico forense e um engenheiro geólogo técnico de geo-radar, iria procurar localizar e exumar os restos mortais de alguns militares inumados num cemitério improvisado junto à cerca do antigo aquartelamento de Guidage. Este, localizado na fronteira Norte da Guiné, com o Senegal, tão fronteiriço era, que a sua vedação Norte constituía a fronteira entre os dois territórios!

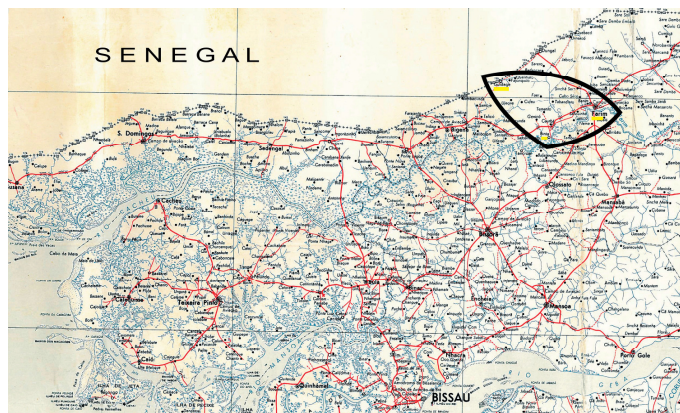
Este conjunto de duas equipas era superiormente coordenado pelo Maj Gen Carlos Camilo, Vice-Presidente da Liga dos Combatentes, e tinha como missão

localizar e resgatar do solo da Guiné os restos mortais de dez militares sepultados em Guidage, em 1973, num cemitério improvisado,.

Se era certo que esta missão se iria iniciar neste dia, 7 de Março de 2008 — faz agora já, 12 anos! —, em boa verdade tudo começara muito antes, ainda em plena guerra do Ultramar, no dia 23 de Maio de 1973.

Sucedia que nessa época o aquartelamento de Guidage estava cercado por um muito forte dispositivo militar do PAIGC, e submetido a frequentes flagelações de artilharia; para além disso, o inimigo tinha minado em profundidade a única estrada de ligação para o centro da Guiné, e opunha-se com infantaria e artilharia às tentativas das nossas tropas para atingirem Guidage. Daqui resultava que o reabastecimento era muito difícil, e a guarnição cercada estava já com falta de munições e de víveres. Porém, o mais grave, era que havia lá também bastantes feridos que necessitavam de ser evacuados.

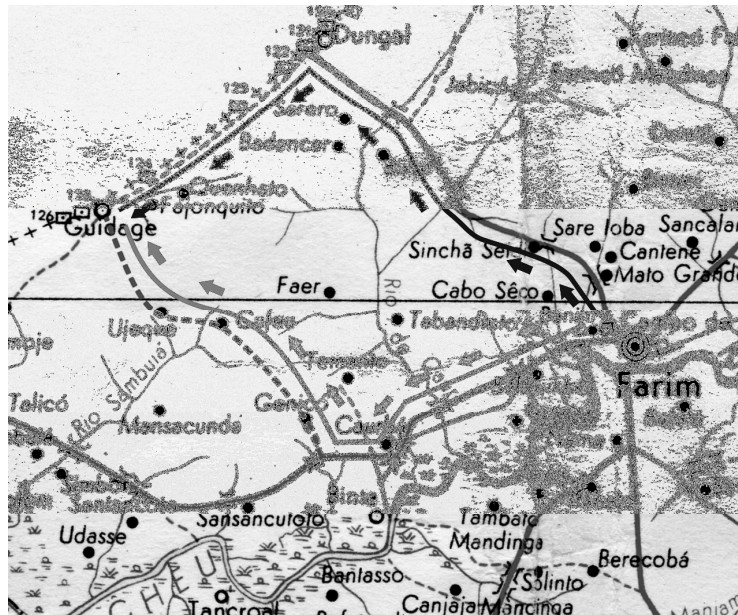
Foi nestas circunstâncias que a Companhia de Caçadores Paraquedistas 121 (CCP 121) do BCP 12 recebeu a missão de escoltar uma coluna auto de reabastecimentos a Guidage e, no regresso, transportar para Bissau os feridos que ali esperavam transporte.



Área da Guiné onde decorreu a missão

Na véspera surgiram notícias de que o inimigo tinha minado a estrada em profundidade, o que dificultava ainda muito mais a missão. No dia 23 de Maio de 1973, logo que o sol rompeu, a coluna de viaturas pôs-se em marcha sob a

proteção da CCP 121, que fazia a proteção próxima, e do Destacamento de Fuzileiros Espaciais 4 (DFE 4) que fazia a proteção imediata . Tinham pela frente cerca de 30 quilómetros cheios de perigos... Com os “picadores” à frente procurando detetar minas, lentamente, a coluna foi percorrendo o itinerário até que, cerca de 10 Km após a partida, rebentou uma mina anticarro, provocando diversos feridos graves. Reiniciada a marcha, outra mina rebentou, e outra, e outra, sempre com mortos e feridos... Verificou-se que as minas detonavam quando “picadas” pelo “picador”; logo, estavam dotadas de um dispositivo especial que as detonava quando “picadas”. Foi uma surpresa, pela primeira vez o PAIGC utilizava aquele método para nos impedir de levantar as minas — elas detonavam ao tentarmos deteta-las! Tentou-se sair da estrada e progredir ao lado, mas fora dela. Porém, mesmo ao lado da estrada foi detonada uma mina!



O itinerário da coluna seguia de Binta, Genicó e Cufeu, até Guidage

Dado o avançado da hora, o facto de se confirmarem as informações de a estrada estar minada em profundidade, e a impossibilidade de a coluna de viaturas atingir Guidage nesse dia, o comando da operação decidiu que a coluna de viaturas regressaria a Guidage escoltada pelo DFE 4, e a CCP 121 continuaria em frente em

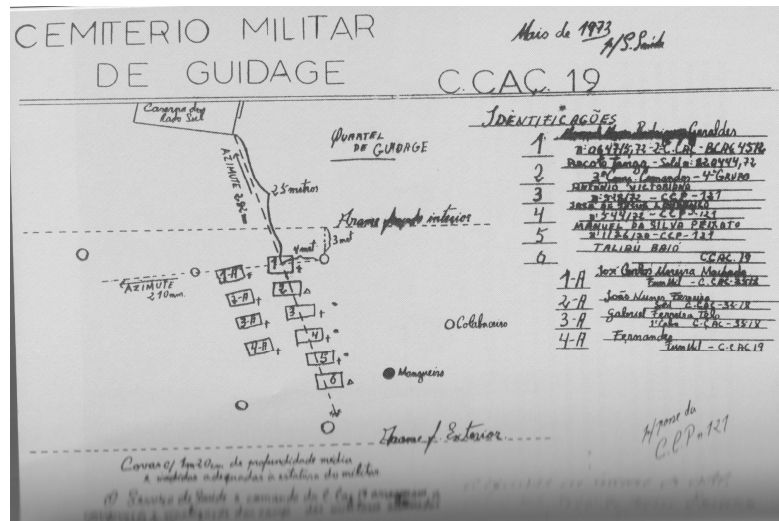
direção a Guidage. Assim, não seguiriam os reabastecimentos, mas a CCP 121, chegando a Guidage, poderia escoltar os feridos até Bissau.

Continuou então a CCP 121 a corta-mato, fazendo frequentes mudanças de direção para o inimigo — que era muito superior em número e armamento, naquela área — não ser capaz de prever o seu trajeto. Porém, estes cuidados não foram suficientes e, alguns quilômetros mais à frente, a CCP 121 sofreu um fortíssimo ataque de uma poderosa força apoiada por canhões sem recuo.

Travou-se então um combate duríssimo e prolongado, no qual foi necessário pedir apoio aéreo, feito já ao escurecer. Findo o combate, a CCP 121 tinha sofrido três mortos e um ferido muitíssimo grave, que transportou consigo até Guidage, atingido já era noite cerrada.

No dia seguinte o ferido foi evacuado por helicóptero para Bissau, onde acabou por falecer. E os três paraquedistas mortos foram inumados num pequeno cemitério recentemente constituído entre as duas redes de arame farpado do quartelamento, durante o assédio a Guidage, para inumar os militares mortos que, esgotadas as urnas de chumbo, não era possível transportar para Bissau num prazo de três dias; findo este tempo, a lei impunha que eles fossem inumados. E foi o que aconteceu aos três militares da CCP 121.

Terminado o cerco a Guidage, o Comando do BCP 12 ainda solicitou autorização para exumar os restos mortais dos seus três militares, a fim de os entregar às Famílias, mas tal não foi autorizado. A exumação apenas poderia ser feita passados cinco anos após a inumação. Pediu então ao comando da guarnição militar de Guidage que lhe fosse fornecido um croquis com a localização das campas dos seus militares, de forma bem referenciada no terreno, o que veio a ser feito, ficando guardado no BCP 12 para uma futura exumação dos restos mortais.



Croquis do cemitério de Guidage

Porém, em 1975 — ainda não tinham decorrido os cinco anos — a Guiné tornou-se um país independente; o BCP 12 regressou a Portugal, e os restos mortais continuaram no cemitério de Guidage, agora entregue a uma guarnição do PAIGC.

Seguiram-se anos de mau relacionamento político entre a Guiné-Bissau e Portugal; depois, lutas entre guineenses ou instabilidade política na Guiné; depois guerra na região do Casamansa (Senegal), vizinha de Guidage; depois, guerra entre a Guiné e o Senegal. E o tempo foi passando... Os restos mortais eram por vezes recordados nas reuniões da CCP 121, mas não havia condições para os resgatar. Depois, já tanto tempo havia passado, as Famílias já estariam conformadas, e fazer a exumação seria talvez um recordar muito doloroso para elas.... Até que, por notícias da imprensa, se soube que a Família de um dos militares falecidos estava interessada em recuperar os restos mortais do seu familiar.

Ao saber isto, e porque entretanto o Comandante do BCP 12 tinha falecido, entendi que me competia a mim, como 2º Comandante da Unidade, a responsabilidade de promover a recuperação dos restos mortais dos três militares, o que de imediato comecei a projetar. Para o efeito pedi o apoio institucional da UPP – União Portuguesa de Paraquedistas, cujo Presidente, Maj Gen Paraq Avelar de Sousa de imediato abraçou a causa, e em conjunto começamos a trabalhar no assunto. Não sabíamos como se fazia um trabalho de exumação, que envolvia

aspectos legais delicados. Começámos então por contactar o Presidente do Instituto de Medicina Legal que, logo por acaso, tinha sido militar na Guiné, de onde saíra apenas poucos meses antes de ocorrer o cerco a Guidage; e, curiosamente, a missão da sua Unidade tinha sido, com base em Bissau, reabastecer algumas Unidades da Guiné, uma das quais era Guidage! Ele conhecia pois, e muito bem, a estrada de Binta para Guidage, e “sentia” a situação vivida pela coluna de reabastecimento, pois tinha muitas vezes sido comandante de um Pelotão da escolta à coluna de reabastecimento de Guidage.

O Diretor do Instituto de Medicina Legal foi simpatiquíssimo, esclareceu-nos sobre o essencial de uma intervenção daquele tipo, e aconselhou-nos a contactar uma pessoa especializada, que dispunha mesmo de uma equipa técnica muito experiente. Era a Professora Doutora Eugénia Cunha, da Faculdade de Antropologia da Universidade de Coimbra. E, perante o nosso receio de que ela e a sua equipa, todas senhoras, não aceitasse trabalhar numa região tão inóspita e com tanta falta de condições mínimas de comodidade, ele desenganou-me e afirmou que, se eu “lá” podia chegar e “lá” viver, ela e a sua equipa seguramente também lá chegavam e sobreviveriam...

Tivemos então, o Maj Gen Paraq Avelar de Sousa e eu, após um contacto telefónico prévio, um encontro com a Professora Eugénia Cunha. Apresentamos-lhe a situação, com base num mapa da Guiné e no croquis do cemitério, salientando as difíceis condições em que iríamos trabalhar. Ela considerou-as “normais”, e receava apenas que nós não acertássemos com o local das campas. Esclareceu-nos sobre a constituição da sua equipa, equipamento a transportar, duração aproximada para a execução da tarefa e condições de trabalho. Enfim, ficou logo ali delineada a parte técnica da operação, aquilo que mais receávamos; e tranquilizou-nos muito saber que, para ela e sua equipa, tudo senhoras, aquelas dificuldades e rusticidade que prevíamos enfrentar não a preocupavam, eram mesmo muito frequentes nos seus trabalhos.

Para fazer o estudo da situação e “montar” a operação, tínhamos um apoio de grande valor, o Cor Paraq Chauky Danif. Este tinha sido comandante de um Pelotão no BCP 12, no tempo em que os acontecimentos relatados aconteceram.

Ele morava e trabalhava em Bissau, onde vivera durante toda a sua juventude, e estava excelentemente relacionado na sociedade local. Foi-lhe pois fácil imaginar a forma mais fácil de executar aquela missão: montar uma base de operações em Farim, onde havia condições de vida que, melhoradas, seriam aceitáveis para o tempo considerado necessário para a operação — duas semanas. Para tanto, seriam alugadas uma ou duas casas, que estavam disponíveis. Guidage ficava a cerca de 30 quilómetros, por estrada péssima, e seria atingida em cerca de uma hora de viagem em viaturas todo-o-terreno, tipo Jeep, alugadas em Bissau.



A casa (cor-de-rosa), que serviu de “base de operações” à intervenção em Guidage

Em suma: trabalhar-se-ia em Guidage, mas o repouso seria em Farim, onde havia melhores condições para estadia. A deslocação para Guidage começaria logo ao nascer do sol, em viaturas tipo Jeep, e demoraria cerca de uma hora. Ali iria trabalhar-se todo o dia, com intervalo para um almoço volante preparado em Farim. A meio da tarde o trabalho terminava, e a comitiva iniciava o regresso a Farim, onde se jantava e dormia.

Entretanto, foi constituída a equipa que coordenaria os trabalhos no terreno: seria eu e mais dois antigos oficiais, comandantes de Pelotão no BCP 12

em 1973, os agora Maj Gen Hugo Borges e Maj Gen Norberto Bernardes, com o apoio, em Bissau, do atualmente Coronel Chauky Danif.

Resolvido o suporte financeiro, apenas faltava o que parecia mais fácil — a autorização das autoridades guineenses para efetuarmos a operação. Nunca pensámos que houvesse dificuldades em a obter, pois se tratava de simples exumações de restos mortais já muito antigos. Os primeiros contactos foram feitos através do Cor Danif e, para nossa surpresa, a exumação não era possível porque as autoridades guineenses consideravam os restos mortais dos militares portugueses como “património da República da Guiné-Bissau”! Várias tentativas foram feitas junto de diversas autoridades, e a resposta era sempre a mesma!

Foi uma terrível desilusão! Tínhamos resolvido de forma muito fácil tudo o que inicialmente considerávamos muito difícil — a parte técnica e legal das exumações, a logística, e o suporte financeiro —, e éramos parados por uma autorização para realizar um ato muito simples, legal, e trivial na vida social de qualquer país!

Depois de múltiplas tentativas junto de diversas autoridades guineenses a fim de obtermos autorização para efetuar as exumações, todas sem sucesso, resolvemos pedir o apoio da Liga dos Combatentes, na pessoa do seu Presidente da sua Direção Central, Gen Chito Rodrigues. Sucedia que a Liga dos Combatentes estava já desde há vários anos trabalhando num projeto denominado de “Preservação da Memória”, e que consistia na exumação dos restos mortais de todos os militares portugueses inumados no Ultramar, concentrando-os em alguns, poucos, cemitérios, escolhidos entre os já existentes. Pretendíamos que a Liga integrasse a nossa iniciativa no seu plano de “Preservação da Memória”, e tentasse obter a autorização de que necessitávamos.

O plano “Preservação da Memória”, coordenado pelo Vice-Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Maj Gen Carlos Camilo, obrigara à pesquisa de todas as inumações de militares feitas em todas as Províncias Ultramarinas durante os catorze anos de guerra, implicando a identificação da cada um dos inumados e respetivo local de inumação. Estes estavam espalhados por todos os territórios, por vezes em locais muito isolados, onde tinham existido

pequenas guarnições, e até mesmo em lugares que nada tinham a ver com presença militar.

Tinha sido um gigantesco trabalho de pesquisa e de recolha de informação! O projeto estava pronto a arrancar, estando também já escolhidos os cemitérios de concentração. E o cemitério de Guidage também lá figurava!

Nessa reunião o Presidente da Direção Central da Liga manifestou o seu apoio à nossa iniciativa, e dispôs-se mesmo a iniciar o Programa “Conservação da Memória” com o cemitério de Guidaje, o que vinha inteiramente ao encontro dos nossos desejos.

Ficou assim decidido que a Liga dos Combatentes executaria tão breve quanto possível a missão de exumações no cemitério de Guidage, sendo a equipa de missão a que nós tínhamos constituído na UPP: Maj Gen Hugo Borges, Maj Gen Norberto Bernardes, Cor Moura Calheiros, e Cor Chauky Danif. Passámos, assim, a trabalhar integrados no Programa “Preservação da Memória”, sob orientação do Vice Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Maj Gen Carlos Camilo.

Após estudar o que estava por nós planeado quanto á forma de executar a missão, e de apreciar a constituição e condicionantes da Equipa Técnica que escolhêramos, o Maj Carlos Camilo resolveu também manter todo o nosso planeamento como base de trabalho, bem como a escolha da Equipa Técnica. E começámos então, agora no âmbito da Liga dos Combatentes, a detalhar cada vez mais o planeamento da operação.

Uma dificuldade muito grande que sentíamos no planeamento, era saber o que restava do cemitério, e se ainda existiam as referências indicadas no croquis! Elas eram essenciais para a localização das campas... O Cor Danif fez, assim, uma viagem propositada a Guidage, mas foi impedido pelas autoridades militares locais de ultrapassar Farim, pois na zona fronteiriça apenas podiam circular residentes na área ou forças militares guineenses. No entanto, em Farim, falando com pessoa amiga que conhecia bem Guidage e de forma atualizada, ficou a saber que tinha desaparecido o cemitério e a rede de arame farpado, que aquela área passara a ser terreno agrícola, mas que a casamata, que era a referência principal, ainda existia.

A mesma informação nos veio posteriormente, já como benefício da nossa junção à Liga, através do adido militar em Bissau, que foi autorizado a deslocar-se a Guidage.

A Liga dos Combatentes começou por tentar obter autorização do Governo da Guiné para efetuar a operação. Inicialmente, através do Adido Militar, não resultou... Depois, através do nosso embaixador em Bissau, também não resultou, — “os restos mortais são património do povo da Guine”, afirmavam repetidamente — ...mas abriram-se portas para negociação... Esta foi conduzida pelo Maj Gen Carlos Camilo que, para o efeito, teve de se deslocar por duas vezes à Guiné. Várias vezes a autorização esteve dada... Mas aparecia sempre mais uma “autoridade” que entendia ter também de “ser ouvida” e de ter direito a autorizar! E fazia-se mais essa negociação, com resultado favorável, com certeza, mas sempre à custa de prebendas e de mais um qualquer encargo para a Liga! Acompanhei o Maj Gen Camilo nestas negociações, e admirava-me da sua paciência. Mas no final, ao fim de quase um ano de “conversações”, e de muita persistência e paciência do Maj Gen Camilo, a aprovação final foi dada por Assumane Mané, e desta “não havia recurso”... Foi um excelente trabalho do Maj Gen Carlos Camilo!

Entretanto, tudo ia sendo preparado...

E pouco tempo depois de obtida a autorização do Governo da Guiné para realizar a operação, e já para confirmar a objetividade do planeamento, o Maj Gen Carlos Camilo, acompanhado pelo Cor Paraq Moura Calheiros, deslocou-se a Farim e Guidage.

Na Guiné, através do Cor Danif, foi feito o aluguer de duas casas em Farim e melhoramentos das mesmas, compra do seu equipamento, recrutamento de pessoal auxiliar, aluguer de viaturas com condutor; compra de géneros alimentícios; enfim, tudo o que era necessário para que a Equipa de Missão (por 15 dias) e da Equipa Técnica (por 8 dias) pudessem descansar em Farim e trabalhar em Guidage.

E, na Metrópole, foi sendo feita a coordenação com os membros da Equipa Técnica, e a aquisição dos materiais que estes diziam necessitar.

De notar que a Liga dos Combatentes pôs à disposição da Equipa de Missão e da Equipa Técnica, tudo aquilo que estas entenderam ser necessário para o sucesso da operação. E quase tudo, com exceção dos alimentos, tinha que ser previsto e levado desde Lisboa, porque na Guiné não existia disponibilidade das coisas mais elementares.

Finalmente chegou o dia de início da operação, com o embarque no aeroporto da Portela de Sacavém, no dia 7 de Março de 2008, como descrevo logo no início deste artigo. Mas neste dia apenas embarcaram o Vice-Presidente da Liga dos Combatentes, Maj Gen Carlos Camilo e a Equipa de Missão constituída por Maj Gen Hugo Borges, Maj Gen Norberto Bernardes e eu próprio, Cor Paraq Moura Calheiros. Eramos acompanhados por um militar que tinha estado em Guidage na época do cerco, SMor Inf Carvalho Oliveira, e ainda por um repórter da SIC, Sr Carlos Santos . Em Bissau, aguardava-os o Cor Danif, com todo o material necessário para a Missão, já carregado em viaturas. Iam uma semana antes da Equipa Técnica a fim de prepararem as instalações em Farim e o ambiente de trabalho em Guidage, por forma a que tudo estivesse pronto quando, uma semana depois, chegasse a Equipa Técnica.



Aeroporto de Lisboa, partida da Equipa de Missão.
Da esquerda para a direita, SMor Carvalho Oliveira,
MGen Carlos Camilo (Vice-Presidente da Liga dos Combatentes),

MGen Avelar de Sousa (Presidente da União Portuguesa de Pára-quadistas),
Carlos Santos (jornalista da SIC), Cor Moura Calheiros,
MGen Norberto Bernardes e MGen Hugo Borges

No dia seguinte a Equipa de Missão partiu rumo a Farim. A viagem demorou todo o dia, pois tivemos de contornar o Rio Cacheu por a jangada de Farim estar, como era muito frequente, avariada.

Nesta semana de preparação dividimo-nos, e trabalhámos simultaneamente em Farim e em Guidage.

Em Farim, o trabalho consistiu em preparar as casas alugadas, colocando o equipamento que permitia a sua utilização de forma mais ou menos “civilizada”; para tanto, tomámos contacto, treinámos e fomos corrigindo deficiências no pessoal contratado para limpezas e arrumações, cozinha e abastecimento de géneros locais. Enfim, o trabalho em Farim foi tentar transformar as casas alugadas em algo o mais parecido possível com um hotel de cinco estrelas... E, também, cumprimentar as “autoridades” locais, cada uma das quais insinuava, ou afirmava mesmo, que era dominante em Farim e que, sem a sua ajuda, não conseguiríamos os nossos objetivos... E a verdade é que três destas personagens tentaram fazer chantagem com a Equipa de Missão, dificultando, cada um deles por uma vez, a execução do nosso trabalho.



A casamata, de forma quadrangular,. A sua esquina Sul, (a que está virada para o fotógrafo), era a única referência do croquis que restava. Em cima, foto da casamata, tirada de 25 metros a Sul, no limite Norte do cemitério . Com base na esquina, foi delimitada a área do cemitério, mostrada na foto em baixo.



Paralelamente, em Guidage, e com base no croquis do cemitério, delimitámos com todo o rigor a zona onde estaria localizado o cemitério (Ver foto acima). Deste não restava o menor vestígio, e era agora um campo de cultivo agrícola; e a única referência constante do croquis que restava, era a casamata, da qual estava indicado o rumo e a distância até ao limite Norte do cemitério. Contratámos pessoal de Guidage para nos ajudar nos trabalhos, sobretudo nas escavações e, logo que determinados os limites do cemitério, começámos a escavar a terra, baixando o nível da toda a sua área; assim, demoraria menos a escavação das campas logo que determinados os limites destas.

O engenheiro geólogo, operando o geo-radar, detetou “sombras” em algumas zonas, que eventualmente poderiam corresponder às ossadas, e indiciadoras de termos delimitado o local correto do cemitério.



Intervenção do engenheiro geólogo e técnico de geo-radar

Passada esta semana “Preparatória” tínhamos: em Guidage, toda a presumida área do cemitério, rebaixada cerca de 1 metro; e, em Farim, a casa e o pessoal de serviço estavam prontos para receberem a Equipa Técnica. Esta, como previsto, chegou no dia 14 de Maio, recebida em Bissau pelo Cor Chauky Danif, que ali era o nosso grande apoio logístico.



Preparação do terreno antes da intervenção técnica.
De notar que o nível do terreno foi previamente rebaixado

No dia seguinte à sua chegada a Bissau, em 15 de Maio, a Equipa Técnica seguiu para Farim, onde se instalou na “nossa” casa, e onde passámos a viver — mas apenas desde o início da noite até à madrugada do dia seguinte, período durante o qual se fazia “em acelerado”: tomar banho, jantar, dormir, tomar o pequeno almoço e embarcar novamente nas viaturas rumo a Guidage! Esta foi a rotina, nos cinco dias seguintes.



A Equipa Técnica e o Maj Gen Borges, no seu primeiro contacto com a área do cemitério. Repare-se-se que existe uma baixa de nível no terreno

A Equipa Técnica começou com o trabalho da arqueóloga que, utilizando métodos científicos, conseguiu, no primeiro dia de atividade (16 de Maio), determinar e marcar no terreno os limites exatos de cada campa. As marcações com fitas vermelhas que ela fez à superfície do terreno, e que se podem ver na

próxima fotografia, coincidiram exatamente com a localização e disposição dos restos mortais depois encontrados por efeito de escavação feita na área delimitada.



As marcações no terreno feitas pela arqueóloga, corresponderam rigorosamente, aos limites das campas, escavadas 35 anos antes!

Depois, nos quatro dias seguintes, e à medida que elas eram escavadas, os restos mortais que procurávamos foram sendo encontrados, já a uma profundidade muito pequena — 20 a 30 centímetros —, facilitando muito o trabalho de identificação e de recolha dos restos mortais. Estes, foram depois identificados pelas três antropólogas, que tinham consigo as características físicas de cada um dos militares ali inumados. E todas as características se ajustavam aos nomes que figuravam no croquis do cemitério feito em 1973.



As três antropólogas fazendo uma exumação

Terminada a missão, e com total sucesso, todos os nela envolvidos regressaram a Bissau no dia 20 de Março, e a Portugal no dia seguinte.

No terreno, restava o fundo das covas, feitas em Abril e Maio de 1973 para albergar o cadáver dos militares ali inumados durante o cerco a Guidage. Eram muito pouco profundas, porque tinha havido o prévio rebaixamento do terreno, facilitando assim o trabalho, e diminuindo o tempo de intervenção da Equipa Técnica.



Aspetto da área do cemitério, terminados os trabalhos

De acordo com o plano da Liga dos Combatentes, os restos mortais dos militares exumados seriam de novo inumados, mas agora no cemitério militar da Liga dos Combatentes, em Bissau, dado que o Estado português não pagaria as despesas de transporte e de funeral.



Cemitério da Liga dos Combatentes, em Bissau

No entanto a UPP — União Portuguesa de Paraquedistas que, obtido acordo com as suas Famílias, tinha inicialmente planeado a operação para exumação e transladação apenas dos restos mortais dos seus três soldados paraquedistas, entendeu ser de toda a justiça trasladar e inumar, também, os restos mortais dos outros militares que, durante 36 anos, tinham jazido lado a lado com eles.

Nestas circunstâncias, a UPP perguntou às respetivas Famílias se desejavam que os restos mortais dos seus familiares fossem trasladados para Portugal e, nesse caso, onde desejavam que eles fossem inumados. A UPP comprometia-se a efetuar estas operações sem qualquer custo para elas.

Das dez Famílias uma não foi encontrada, a de um militar natural da Guiné. Das restantes, três não manifestaram interesse na

trasladação, pelo que os restos mortais do seu Familiar foram inumados no cemitério militar da Liga dos Combatentes, em Bissau.

Em contrapartida, as Famílias dos restantes três militares não paraquedistas aceitaram a proposta da UPP — União Portuguesa de Paraquedistas.

Os restos mortais dos combatentes do Ultramar, que não eram desejados na Metrópole pelo anterior regime, continuaram a não o ser pelo atual, que quis ignorar a vontade das famílias quanto a uma eventual trasladação e inumação em local desejado na Metrópole.

Opinião diferente teve o Estado Maior da Força Aérea, que quis dar a maior dignidade aos funerais dos três paraquedistas, militares da FAP na altura do seu falecimento. Logo que informado pela UPP, o Estado Maior da Força Aérea assumiu que o funeral era responsabilidade da Força Aérea e que aquela última homenagem se deveria revestir da maior solenidade. A seu convite assistiram à cerimónia, que se realizou na Igreja da Força Aérea, em S, Domingos de Benfica, o Secretário de Estado da Defesa Nacional, o Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, o Chefe de Estado Maior da Marinha, o Chefe de Estado Maior da Marinha, o Chefe de Estado Maior do Exército e o Embaixador da República da Guiné-Bissau.

Também D. Januário, Bispo das Forças Armadas, entendeu que aquela última homenagem se devia revestir da maior dignidade, fazendo questão de presidir à cerimónia religiosa.





Depois desta cerimónia religiosa, as urnas foram transportadas para a Escola de Paraquedistas, o antigo Regimento de Caçadores Paraquedistas, em Tancos, a escola militar que os tinha formado e de onde saíram para irem combater no Ultramar. Regressavam apenas agora, 35 anos depois... Então, frente ao Monumento aos Mortos na Guerra no Ultramar, os seus camaradas paraquedistas prestaram-lhe mais esta última e sentida Homenagem de despedida.

Depois, as urnas seguiram, cada uma para o seu local de nascimento — o Manuel Peixoto para Gião, Vila do Conde; o José Lourenço para Fornos de Cadima, Cantanhede; e o António Vitoriano para Castro Verde, acompanhados pelas respectivas Famílias. Os três paraquedistas, finalmente, afastavam-se, ao fim de 35 anos jazendo juntos, lá muito longe, na Guiné... Foram recebidos, cada um deles na sua terra natal, pela população em peso, num ambiente de tristeza mitigado pela satisfação dum regresso que tardou.



A despedida dos “Paras”, na Unidade que os formou.

Em relação aos restos mortais dos outros três militares — não paraquedistas, pertencentes ao Exército — cujas Famílias também desejaram a sua transladação e inumação na terra natal, a UPP tomou a mesma atitude que tomara para com os seus, fazendo tudo o que estava ao seu alcance para que as populações locais se pudessem associar às Famílias, numa última despedida dos seus Filhos.

Transportados desde Lisboa com acompanhamento de militares paraquedistas, foram também eles alvo de grande e solene homenagem nas igrejas das “suas” aldeias — Algosó (Vimieiro), Ervões (Valpaços) e Paul do Mar (Madeira) —, com a presença das autoridades e instituições de toda a região. Estas, bem como uma verdadeira multidão, acompanharam depois a os restos mortais até à sua última morada., desta vez verdadeiramente a última...

E assim terminou A minha ÚLTIMA MISSÃO...